

Cecília Meireles

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro. Órfã de pai e mãe desde os três anos de idade, foi criada pela avó materna. "Nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, três meses depois da morte de meu pai, e perdi minha mãe antes dos três anos. Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a morte que decentemente aprendi essas relações entre o efêmero e o eterno (...) Em toda a minha vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade". Em 1917 formou-se na Escola Normal do Rio, dedicando-se ao magistério primário. Estreou em livro com *Espectros* (1919). A partir da década de 30, lecionou Literatura Brasileira em várias universidades. Morreu em 9 de novembro de 1964, no Rio de Janeiro.

Cecília Meireles iniciou-se na literatura participando da chamada "corrente espiritualista", sob a influência dos poetas que formariam o grupo da revista *Festa*, de inspiração neossimbolista. Posteriormente afastou-se desses artistas, sem, contudo, perder as características intimistas, introspectivas, numa permanente viagem interior. Em vista disso, sua obra reflete uma atmosfera de sonho, de fantasia e, ao mesmo tempo, de solidão e padecimento, como afirma a escritora:

"Mas creio que todos padecem, se são poetas. Porque, afinal, se sente que o grito é o grito; e a poesia já é o grito (com toda a sua força) mas transfigurado."

Um dos aspectos fundamentais da poética de Cecília Meireles é sua consciência da transitoriedade das coisas; por isso mesmo, o tempo é personagem central de sua obra: o tempo passa, é fugaz, fugidio. A vida é fugaz e a morte uma presença no horizonte. Para compreendermos melhor esse ponto, transcrevemos um trecho de uma entrevista concedida pela autora:

"Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência. Em toda a vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade."

Ao lado de uma linguagem que valoriza os símbolos e de imagens sugestivas com constantes apelos sensoriais, uma das marcas do lirismo de Cecília Meireles é a musicalidade de seus versos. O crítico Darcy Damasceno assim analisa a forma pela qual a poeta percebe o mundo e o materializa em poesia:

"O conjunto de seres e coisas que latejam, crescem, brilham, gravitam, se multiplicam e morrem, num constante fluir, perecer ou renovar-se, e, impressionando-nos os sentidos, configuram a realidade física, é gozosamente apreendido por Cecília Meireles, que vê no espetáculo do mundo algo digno de contemplação de amor, portanto. Inventariar as coisas, descrevê-las, nomeá-las, realçar-lhes as linhas, a cor, distingui-las em gamas olfativas, auditivas, tácteis, saber-lhes o gosto

Bibliografia

específico, eis a tarefa para a qual adentra e afina os sentidos, penhorando ao real sua fidelidade. Esta, por sua vez, solicita o testemunho amoroso, já que o mundo é aprazível aos sentidos; a melhor maneira de testemunhá-la é fazer do mundo matéria de puro canto."

Obras principais: Viagem (1939); Vaga música (1942); Mar absoluto (1945); O romanceiro da Inconfidência (1953)

Características gerais:

- Uma poesia presa à tradição lírica do passado.
- Há nela forte herança simbolista: a maioria das obras expressa estados de ânimo, vagos e quase incorpóreos. Além disso, certas imagens naturais como o mar, a areia, a espuma, a lua, o vento etc., por sua repetição obsessiva, acabam também ganhando uma dimensão simbólica.
- Predominam os sentimentos de perda amorosa e solidão. A atmosfera de dor existencial é ampliada pela insistência no tema da passagem do tempo.
- Sua linguagem é elevada, sublime, com pouca presença do coloquial.

O romanceiro da Inconfidência:

É a sua experiência poética mais significativa. Para escrevê-lo, pesquisou todos os elementos históricos que compuseram o evento. Ao mesmo tempo, encontrou uma forma poética específica do passado ibérico: o romanceiro. Trata-se de um conjunto de poemas narrativos, unidos por um tema central. Cada poema é um romance.

Composto por oitenta e cinco romances, O romanceiro da Inconfidência oferece uma visão dramática e lírica da sociedade mineira do século XVIII, de suas principais figuras humanas e do levante republicano abortado pela denúncia de Joaquim Silvério:

Melhor negócio que Judas
fazes tu, Joaquim Silvério:
que ele traiu Jesus Cristo
tu trais um simples Alferes...

Nota: O romanceiro da Inconfidência é um texto que parte de uma reflexão sobre a história concreta do levante mineiro e alcança uma dimensão lírica superior, tornando-se uma interrogação sobre o sentido das ações humanas.